

BELLE

Levaram-na nua para a beira da água. Pousaram-na sobre a areia ainda quente, com os pés de frente para o mar. Sentia as ondas a bater contra os tornozelos como um amante que lhe tocava nos dedos com beijos gelados.

Não havia luar, mas algumas estrelas brilhavam, pequenos pontos de esperança, lágrimas no seu coração. Estava tão escuro que ela já não lhes conseguia ver os rostos. Sentia como se estivesse a afastar-se do mundo real e a entrar noutra universo. Um lugar povoado pelas suas fantasias. Os seus acompanhantes haviam-se tornado algo mais que meros homens. Eram criaturas das sombras a pulsar de urgência e de desejo. Embora estivesse sob as estrelas, junto ao mar, podia muito bem estar numa gruta escura ou numa sala às escuras. Sentia uma pontinha de medo, porém não o suficiente para querer parar. Estava a ficar igual a eles: encontrara o seu outro «eu».

VALENTINA

Valentina ergueu-se e, apoiada nos cotovelos, contemplou o amante. Há já seis meses que viviam juntos. Inclinou-se e, com jeitinho, pôs o braço sobre as costas de Theo. Adorava fazê-lo enquanto ele dormia, quando ele não sabia o quanto ela gostava de os imaginar aos dois juntos, e o mundo de possibilidades que se abria. Carinhosamente, acariciou-lhe a pele imaculada, permitindo-se um raro momento de ternura. Era um gesto que evitava fazer quando Theo estava acordado.

Valentina observou a sua brancura de linho em comparação com o tom amarelado da pele de Theo Steen, e concluiu que faziam um contraste perfeito. Ela, pálida e de constituição delicada, como Louise Brooks, o seu adorado ícone da década de 1920. Ele, de pele escura, mais ardente do que qualquer amante latino que alguma vez conhecera e, contudo, senhor de uns olhos azuis desconcertantemente brilhantes. Faria mais sentido que fosse ela a ter pele escura, afinal, ela é que era italiana, ao passo que Theo era de Nova Iorque, filho de imigrantes holandeses. Não sabia muito sobre o passado dele, mas aparentava ser muito diferente do dela. Era chegado a ambos os pais e, aos olhos de Valentina, a infância dele fora maravilhosa, tendo sido presenteado com muita atenção e mordomias. Theo tocava violoncelo, era um cavaleiro e um esgrimista excepcional, além de falar uma infinidade de línguas. Podia ter escolhido a profissão que quisesse. Era daqueles homens que tinham tudo para a irritar. Um homem de sucesso que não tinha de se preocupar em ganhar a vida e, portanto, podia dar-se ao luxo de se dedicar a tempo inteiro à sua paixão — o estudo e a

análise da arte moderna. Porém, ao contrário do que pensara, não o despachara à primeira oportunidade; em vez disso, ali estava ele, deitado na sua cama, perdido na inocência do sono, a seu lado. *Vivia* com ela.

Valentina baixou os olhos para o amante adormecido. Theo estava de barriga para baixo, com a cabeça virada para o outro lado. Imaginou para onde o levariam os sonhos. Perguntou-se se, quando ele acordasse, se iria lembrar do toque dela sobre a pele. Na noite anterior quisera muito que ele se viesse e, no entanto, estranhamente, não sentira qualquer necessidade de ter um orgasmo. Não era habitual nela, não era muito à Valentina, pensou. Assim como não era habitual nela não exigir sexo pela manhã. Será que com o tempo a paixão esmorecia? Se deixasse de haver atração sexual entre ela e Theo, o que restaria? Estranhos antes de se encontrarem e novamente estranhos depois disso. Estaria na hora de acabar tudo? Não, *ainda não*, suplicava uma voz na sua cabeça, e ela tentou conter a ansiedade. Estava a entrar em pânico sem necessidade. A questão era que toda aquela situação de morarem juntos era muito nova para ela.

Nunca partilhara o apartamento com ninguém desde que a mãe partira. Ainda se surpreendia com a facilidade com que a mudança de Theo se processara. Sabia perfeitamente por que motivo o convidara. Fora uma reação instintiva ao aviso feito pela mãe. Estaria ele a usá-la? Pôs instintivamente a ideia de parte. Theo hesitara muito antes de aceitar a proposta, tendo-lhe perguntado várias vezes se era mesmo isso que queria. *Definitivamente*, havia nele algo de diferente. Já a vira nos seus piores momentos e ainda não se fora embora.

Valentina enrolou a ponta do lençol à volta do dedo e apertou-a com força. Um anel de algodão branco que lhe apertava tanto a pele que a fazia morder o lábio. Devia-se ao facto de Theo não tomar nada por garantido, pensou ela; apesar da vida fácil que tinha, não media esforços para lhe tentar agradar.

Deitou-se novamente na cama e sorriu para o teto, estudando cada cristal reluzente do lustre enquanto refletia na noite anterior. Passou timidamente a língua pelos lábios. Ainda sentia o gosto de Theo

neles. Saboreou o gosto a sal do amante enquanto recordava a forma como o acariciara com a boca, empurrando-o o mais fundo que podia, não parando apesar das súplicas dele para a penetrar. Não o permitiu. Queria que ele fosse o centro das atenções. Por isso continuou: lambendo, provocando com os dentes, percorrendo-o com a língua ao mesmo tempo que apertava bem o pénis ereto e aveludado entre os lábios. Precisava de sentir na boca a sua entrega. A vulnerabilidade dele e o poder dela. Levara-o ao limite. E quando Theo gritara o nome dela, foi como se uma seta lhe tivesse trespassado o coração. Queimando-a e aquecendo-a ao mesmo tempo, enchendo-a de sensações distintas de medo e satisfação. Como é que isso era possível? Normalmente não gostava que os amantes falassem durante o sexo, quanto mais gritar. Insistia sempre em fazer amor em silêncio. Detestava falsas declarações de amor, proferidas no calor do momento. No entanto, o chamado de Theo por ela fizera eco no fundo do seu ser, embora não o quisesse reconhecer. Agora o gosto salgado ainda lhe permanecia nos lábios. Não era de admirar que tivesse sonhado com o mar. Fechou os olhos e afastou as imagens indesejáveis que lhe tiravam o sorriso dos lábios. Mas as sensações desconexas do sonho que tivera reapareceram. Afundava-se cada vez mais na água, incapaz de nadar até à luz; era a escuridão e a asfixia.

— Que se passa?

Abriu os olhos. Theo estava deitado a seu lado, com a cabeça pousada na mão e os límpidos olhos azuis a observá-la.

— Tive um pesadelo.

Puxou-a para si e ela deixou-o colocar os braços à volta dela. Fechou os olhos e sentiu o queixo dele tocar-lhe quando o pousou sobre a sua cabeça.

— Não me queres contar? — perguntou ele, a voz abafada pelo cabelo dela, mas ela não respondeu, não de imediato, e ele não insistiu. Sabia tão bem estar nos braços dele; não os queria arrastar para os seus pesadelos e estragar o dia acabadinho de nascer com os problemas dela.

— Não — disse ela.

— Está bem, querida. — Deu-lhe um beijo na cabeça. As palavras de carinho escapavam-se-lhe da boca com tanta facilidade.

Seriam sentidas? Para ela era difícil fazer o mesmo, as palavras ficavam-lhe presas na garganta. *Querida*. Sentiu-se retesar nos braços dele, agora com vontade de se afastar. Theo desembaraçou gentilmente o corpo do dela, como que pressentindo a sua necessidade de espaço.

— Vou fazer chá — disse ele, saindo da cama, evitando deliberadamente olhá-la nos olhos. Ela observou-o em toda a sua magnífica nudez enquanto ele atravessava o quarto. Vestiu o robe de seda dela, o que só realçou a virilidade e fez sobressair os contornos masculinos do corpo de Theo. Sentiu um arrepio abaixo do umbigo, bem lá no fundo, enquanto o observava a transpor a porta. Porque é que enregelara nos seus braços? Agora o que mais queria era fazer amor.

Olhou para o relógio. Já passava das sete. Devia estar a levantar-se; tinha um dia atarefado pela frente e, no entanto, não conseguia obrigar-se a deixar o aconchego da cama. Bocejou e espreguiçou-se aguardando pelo regresso de Theo com o chá. Estava contente por não ter manchado aquela manhã com os seus receios narcisistas.

Valentina não gostava do passado. Nunca entendera a obsessão das pessoas da sua geração com a transparência nas relações, com a necessidade de desenterrarmos a nossa história pessoal e esperarmos que o nosso amante faça o mesmo. Ficava perplexa com a quantidade de mulheres jovens que tentavam manipular os namorados através da pena. A última coisa que pretendia era ser tratada como uma vítima. Não, o melhor era nunca olhar para trás e manter sempre algum mistério. Acreditava que cada um tinha o direito de guardar os seus segredos para si. Fora sempre esse o seu lema. Todavia...

As palavras de Gina Faladi não lhe saíam da cabeça. Gina não falara por mal, é claro: era um doce de pessoa, embora submissa de mais, na opinião de Valentina. Bem via como deixava o namorado, Gregorio, mandar nela. Só Deus sabia como era debaixo dos lençóis. Não obstante tudo isto, Gina era uma das melhores maquiadoras com quem Valentina trabalhara. Na semana anterior tinham viajado juntas para Praga para uma sessão de fotografias de moda para a revista *Marie Claire*. Fora na viagem de regresso, após

uns quantos copos de vinho a bordo do avião, que Gina lhe fizera a pergunta que agora lhe andava às voltas na cabeça como um grande gato preto.

Para onde é que ele vai?

Fora isso que Gina dissera. Valentina estava prestes a responder que não sabia nem queria saber, que ela e Theo não eram ciumentosos, mas quando vira as sobrancelhas de Gina arquearem-se, mudara de ideias.

Vai trabalhar. Deu um gole no vinho tinto. *Vai a exposições, encontros com artistas, comprar obras de arte,* desenvolveu de forma vaga. Uma boa desculpa e, quem sabe, porventura verdade. Mas o facto é que Valentina não fazia a mais pequena ideia de para onde é que o amante desaparecia durante dias a fio uma vez por mês. Sim, havia os artigos, as críticas e os dois livros publicados antes de se conhecerem, um sobre o expressionismo alemão e outro sobre o futurismo em Itália na década de 1920, mas não havia, nem de longe nem de perto, o volume de trabalho que seria de esperar de um crítico de arte tão viajado. E que fazia ele em Milão? O seu cargo de professor convidado a tempo parcial na universidade não era bem pago. Decerto conseguiria arranjar um cargo melhor numa universidade nos Estados Unidos? Contudo, quando perguntou a Theo por que motivo estava em Itália, ele evitou responder-lhe, gesticulando com os braços como um verdadeiro italiano e afirmando vagamente que era onde precisava de estar naquele momento. Todos os dias, estava à espera de o ouvir dizer que ia voltar para casa. E, no entanto, ali estava ele, ainda instalado em Milão quase um ano depois de ela o ter conhecido.

A princípio, Valentina não se importava com as viagens de Theo. Com efeito, durante os primeiros meses de vida em comum, ela ansiava pelos seus pequenos desaparecimentos. Tinha dúvidas em relação ao convite precipitado que lhe fizera, e culpava as palavras da mãe pela decisão.

«Não deixes que ele te domine; isso é o que todos querem. E, por amor de Deus, não morem juntos.»

Como de costume, as palavras da mãe tinham sido um banho de água fria. Afinal, o que é que a levava a telefonar-lhe? Andava

nas suas sete quintas após as primeiras semanas empolgantes com Theo e sentira uma necessidade ridícula de o partilhar com a mãe. Chegara inclusivamente a ficar acordada parte da noite a fazer horas para lhe ligar para os Estados Unidos. Mas é claro que já devia saber o que ia acontecer. Em vez de ficar feliz por ela, a mãe só via os aspetos negativos.

«Valentina», avisou, «tu e eu não somos capazes de nos entregar totalmente a um só homem. Precisamos de espaço. Aprendi-o à minha custa, querida. Não te precipites.»

O conselho deixara Valentina furiosa. Definitivamente *não* era como a mãe, fútil e egocêntrica, que procurava atenção e era incapaz de partilhar, nem mesmo com os próprios filhos. Tinha de lhe demonstrar que estava errada. Por isso, nessa mesma noite, para grande espanto de Theo, convidara-o a morar com ela. Porque não? O senhorio acabara de lhe dar ordem de despejo e, de qualquer das formas, tinha de arranjar um lugar para morar. O apartamento dela era enorme e não lhe custava nada, porque era da mãe dela. Seriam colegas de casa, dissera-lhe ela, que por acaso tinham relações sexuais. A incongruência da proposta dela fê-lo rir e chamar-lhe maluca. Ainda assim, aceitara.

Porém, se quisesse ser sincera consigo mesma, era forçada a admitir que tinha medo que a mãe tivesse razão. Era-lhe difícil habituar-se a fazer cedências. Embora ela e Theo raramente discutissem e tivessem gostos semelhantes no que dizia respeito a música, comida e arte, o que a incomodava eram as pequenas coisas. Gostava da porta do quarto aberta durante a noite e uma luz acesa no corredor, enquanto Theo preferia a escuridão total e a porta fechada. Gostava de silêncio quando estava a trabalhar, ao passo que ele ouvia música. Normalmente era algo de que ambos gostavam, mas às vezes punha música de bandas dos anos 80 que a mãe adorava — os Joy Division, os The Cure — tão alto que até a ouvia no estúdio ou na câmara escura quando estava a revelar fotografias, o que invariavelmente a fazia ranger os dentes. E às vezes falava de mais. Tinha o cuidado de não falar sobre si próprio nem fazer muitas perguntas sobre a mãe dela (coisa que todos os outros amantes acabavam por fazer e que, de imediato, fazia com que os dispensasse), mas era obcecado por dis-

cussões. Naturalmente podiam ser sobre arte ou sobre um filme que tivessem visto, o que era perfeitamente normal. Porém, Theo também adorava participar em conversas sobre assuntos da atualidade, economia ou história. Estava sempre a fazer-lhe perguntas sobre a política italiana. O que é que as pessoas atualmente achavam do Mussolini? Que acontecera à família dela durante a Segunda Grande Guerra? Valentina não estava minimamente interessada. Tivera uma barrigada de política quando era pequena. As histórias de embalar que a mãe lhe contava sobre o que acontecera à família do pai durante a guerra tinham sido suficientes para a desinteressar até ao final dos seus dias, bem como as discussões que a mãe tinha com o irmão Mattia sobre os prós e os contras do comunismo, nas poucas ocasiões em que o via. Por qualquer razão culpava o choque de ideologias dos pais pela partida do pai há muitos anos. Valentina não gostava de idealistas. De pessoas que negligenciavam as próprias famílias em prol do bem comum. Theo parecia mais pragmático: que mais podia ser, dada a educação que tivera? E, no entanto, quando começava a falar sobre o mundo e a esperança de que as coisas mudassem, deixava-a irritada. Aperceber-se-ia da tensão em redor da sua boca quando ela se mostrava pouco comunicativa, o cerrar do maxilar quando ele a pressionava a emitir uma opinião? Não era coincidência o facto de no dia a seguir geralmente Theo anunciar que ia partir numa viagem de trabalho, como se soubesse que ela precisava de estar sozinha.

Desde sempre que Valentina estava acostumada a estar só. Crescera como se fosse filha única, já que Mattia tinha treze anos e andava num colégio interno quando ela nascera. O pai partira antes de ela ter idade suficiente para se lembrar dele. Até Mattia afirmava não saber onde ele estava. Portanto, era só ela e a mãe, que a ensinara desde tenra idade a ser autossuficiente. Quando era muito pequena, a mãe de Valentina levava-a consigo nos seus trabalhos fotográficos, e as muitas horas passadas à espera transformaram-na numa leitora ávida.

Quando Valentina fizera treze anos, a mãe deixara-a em Milão, afirmando que não queria interromper a escola, mas Valentina suspeitava que tinha sido por não querer que a filha adolescente lhe

tolhesse a liberdade. Não havia homem que não gostasse de Tina Rosselli. Era um ícone no seu mundo de *glamour* e estilo. Verdade seja dita que nunca escondera a idade, mas ser acompanhada por uma versão fulgurantemente mais jovem de si própria era um pouco de mais para a sua vaidade. Assim, Valentina passava semanas a fio sozinha no apartamento, tendo por única companhia o gato mal-humorado da mãe, *Tash*. Lembrava-se de ter levado Gaby lá a casa numa sexta-feira depois da escola e do mais absoluto espanto da amiga quando percebeu que Valentina estivera sozinha a semana inteira. Era um facto que ela tinha o cuidado de não divulgar quando estava na escola.

— Mas quem toma conta de ti? — perguntou Gaby, de olhos arregalados de pena.

— Não preciso que ninguém tome conta de mim — respondeu Valentina com arrogância.

— Fazes tudo sozinha? — perguntou Gaby. — Tratas da roupa?

Valentina não pôde deixar de reparar na amiga a olhar para a sua saia e blusa da escola amarrotadas. As freiras estavam sempre a repreendê-la pela farda desleixada, uma crítica que ela tinha o cuidado de nunca transmitir à mãe, que tinha um forte orgulho no aspeto dela e que deixava sempre a Valentina instruções rigorosas no sentido de se apresentar bem vestida.

— Não estou preocupada com a minha aparência — disse ela com ar de indiferença. — É só a escola.

Gaby pendurou cuidadosamente a mala da escola nas costas de uma cadeira da cozinha. A mesa estava coberta de copos sujos e uns quantos pratos peganhentos.

— És tu que fazes a tua comida? — perguntou a Valentina.

— Mais ou menos. — Valentina dirigiu-se ao frigorífico sentindo-se muito crescida. — Tens fome?

— Sempre! — Gaby sorriu. — Olha, vamos comer tudo o que não devemos. Vou à padaria enquanto cozinhas.

Valentina deteve-se indolentemente à porta do frigorífico e olhou para o interior. Havia um frasco de *pesto*, um naco de Parmesão e um recipiente de *rigatoni*. E era tudo. Gaby foi ter com ela. Pôs o braço à volta da cintura da amiga quando viu o seu parco conteúdo.

— Só isso? — sussurrou, horrorizada.

Valentina não foi capaz de responder. Estava a ver o interior do frigorífico através dos olhos da amiga. Sentiu muita vergonha da mãe.

— A mamã não liga muito à comida...

Gaby estreitou-a pela cintura.

— Posso cozinhar alguma coisa boa para ti. A minha mãe ensinou-me.

Valentina mordeu o lábio. Adorava Gaby, mas às vezes não conseguia evitar sentir alguma inveja. A mãe de Gaby era uma daquelas *mammas* italianas tradicionais. Rechonchuda, amorosa, sempre a querer dar-nos de comer. Era por isso, queixava-se Gaby, que ela era duas vezes maior que Valentina. No entanto, Valentina admirava as curvas viçosas de Gaby. Ela ainda era alta e esguia, sem quaisquer formas. A mãe nunca a ensinara a cozinhar.

— Está bem, vou à padaria e compro uns bolinhos para nós — ofereceu-se Valentina.

— Traz sortidos, quatro diferentes para cada uma! — gritou Gaby enquanto Valentina saía porta fora.

Não só Gaby cozinhará para ela, uma sumptuosa refeição de *pesto* e *rigatoni*, com um rico molho de tomate (onde encontrara ela os ingredientes no meio do caos que reinava nos armários da cozinha?), como quando Valentina regressara com os bolos, já tinha varrido o chão, lavado a louça e limpado a mesa. O desejo da amiga de cuidar dela enchera Valentina de espanto, porque sabia que não faria o mesmo por ela.

— Não te sentes só? — perguntou-lhe Gaby enquanto ela acabava com o molho de tomate, lambendo a colher avidamente.

— Nunca — disse Valentina, recostando-se e sentindo a rara satisfação de ter a barriga cheia. — Gosto de estar sozinha. Embora não me importasse de te ter como minha cozinheira.

Esse gosto nunca desapareceu. Por isso, até às palavras fatídicas de Gina, Valentina ansiava pelas breves ausências de Theo. Bastavam dois, no máximo três dias. O suficiente para desfrutar a solidão e sentir falta dele, mas não em demasia de modo a deixá-la preocupada com o seu paradeiro ou com o que estava a fazer. O facto de ele nunca ter dado uma explicação demonstrava que acreditava

que estavam acima de questões de posse em que outros se podiam deixar enredar. Acima de tudo eram colegas de casa e só depois amantes. Theo nunca lhe perguntava o que andava a fazer.

Valentina saiu da cama e abriu as cortinas, entreabrindo a janela de sacada. A brisa de outono deixou-a gelada, mas embora a pele estivesse arrepiada de frio, gostava de estar nua. Fechou os olhos e sentiu o vento acariciá-la como uma mão, desde a testa, descendo pelas maçãs do rosto e pelo pescoço até à garganta e ao peito. Sentiu os mamilos endurecerem quando a temperatura caiu dentro do quarto e o vento a lambeu entre as pernas. Apesar de ouvir o fluxo constante de trânsito através das ruas de Milão, a pulsação da cidade, conseguiu extrair um pouco de paz daquilo tudo. Visualizou imagens de tranquilidade ao acaso: um pombo a voar nos claustros de Sant’Ambrogio, um barco a descer o canal Naviglio, um baloiço vazio no Parco Sempione empurrado pelo vento. Sentiu o aroma das folhas moribundas, imaginou-as a cair das árvores da Via De Amicis. Gostava daquela época do ano em Milão. A cidade arrefecera finalmente depois de um verão sufocante e húmido. O mês de agosto podia ser um verdadeiro pesadelo: quarenta graus e, no entanto, os céus cinzentos cor de chumbo. Todos tentavam sair da cidade. Nesse ano, ela e Theo tinham fugido durante três semanas para a Sardenha. Embora fosse igualmente quente, a brisa do mar dissipava o ar abafado.

Abriu os olhos e sentiu muitas saudades de estar na Sardenha, ao ar livre no meio da natureza, nua sobre a areia quente, sentindo o cheiro salgado do mar a envolvê-la. Enquanto caminhava pelo quarto, imaginou-se a andar pelo mar tranquilo. Sentiu o peso da nudez e, ao passar à frente do espelho, viu de relance o rabo. Os homens sempre lhe haviam admirado o rabo e ela, era obrigada a reconhecer, tinha muito orgulho nele. Depois de ter sido uma adolescente escanzelada, ficara contente quando as curvas finalmente se tinham desenvolvido. Detestava ver as outras mulheres envergonhadas com o seu próprio corpo. Lutando para se enfiarem em fatos de banho, escondidas atrás de toalhas de praia; constrangidas e desviando os olhos quando experimentavam roupa nos provadores. Será que não viam quão bonitas eram em toda a sua diversidade e contornos curvilíneos: a pele aveludada, os seios de todos os

tamanhos e feitios, os ventres macios, as ancas largas, as coxas voluptuosas? As outras únicas mulheres que conhecia tão descomplexadas como ela em relação à nudez eram as modelos que fotografava. Essas raparigas magras como um palito não tinham qualquer espécie de constrangimento. Por vezes, quando via modelos que eram manifestamente anoréticas, ficava tensa, quase zangada. Era, como todos os seus amigos poderiam confirmar, uma das pessoas menos preconceituosas que existia. Todavia, a anorexia ressuscitava os fantasmas de Valentina. Imagens da mãe que preferia esquecer.

Quando Theo voltou com uma bandeja de chá, Valentina já estava de novo na cama, sentada à espera, com uma almofada entre as costas e a cabeceira de ferro. Era uma das vantagens de morar com alguém. Através do simples gesto de fazer um bule de chá, Theo fazia com que se sentisse acarinhada.

O amante colocou a bandeja com cuidado no meio da cama e sentou-se ao lado dela.

— Fazes as honras da casa?¹ — perguntou-lhe ele.

Achou graça à expressão. A última coisa que imaginava a mãe a fazer era a servir chá a alguém com tanto requinte.

— Claro — disse ela, fitando Theo por entre as pestanas. — Como sabes, de vez em quando gosto de ser eu a controlar.

Ele sorriu-lhe enquanto ela segurava no bule e começava a deitar chá na chávena dele. Enquanto isso, Theo inclinou-se para a frente e pôs-lhe as mãos em concha sobre os seios, um em cada mão.

— Não quero que o que é meu seja salpicado com chá quente — explicou ele, piscando-lhe o olho.

Ela afastou-o sem fazer caso, embora parte dela tivesse apreciado. Recostou-se na almofada, segurando o chá quente entre as mãos, pensando se seriam a imagem de um velho casal, sentados lado a lado na cama a beber chá Earl Grey ao pequeno-almoço. *Bem, pelo menos estamos nus*, pensou, algo confortada.

— Já estás melhor? — perguntou Theo.